

“Pode ser assédio?”
Violência sexual na universidade

Heloisa Buarque de Almeida

USP

USP Diversidade (2014)

- combater homofobia
- discriminações de gênero, raça e sexualidade

Denúncias de alunas e alunos:

- Trotes
- Estupros
- Discriminações gênero e raça

Culminam na audiência pública e depois na CPI sobre Violação de Direitos Humanos nas Universidades Paulistas, na ALESP

Estupros na universidade ganham visibilidade na imprensa

Questões de classe e raça nos casos que ganham visibilidade na mídia

O Estado de São Paulo, 12 de novembro de 2014



O que é violência?

- Não tem definição universal (Wieviorka)
- Categoria definida a partir de relações sociais históricas, políticas
- Violência sexual - História do Estupro (Vigarello) trabalhos brasileiros sobre estupro (Pimentel et al, Vieira)
- Mudanças recentes na lei sobre estupro (X atentado violento ao pudor) – 2009
- Lei de assédio (2001) e novas leis como “importunação sexual” (2018)

- Visibilidade do termo assédio: “meu primeiro assédio”, #MeToo
- Instituições educacionais- problemas para enfrentar essas temáticas, muitos casos foram “abafados”
- Instituição se sente agredida quando há denúncias (ex. Medicinas e os trotes)
- Movimento social e mídia demandam ações institucionais

Disputa de sentidos em torno de duas categorias de violência – estupro e assédio sexual

Pesquisa Interações na USP

(USP Mulheres)

- 37% dos alunos afirmam ter sofrido alguma violência na USP, sendo que
- 7% relataram atos de violência sexual de vários tipos – mas se separados por gênero, 11% das mulheres, 2% dos homens e 74% das pessoas com outras identidades de gênero (trans ou não-binária) declararam ter sofrido algum tipo de abuso sexual.
- 3,6% do total sofreram atos que poderiam ser classificados como *estupro*.

Pesquisa Interações na USP

- Nas categorias de violência sexual sofrida, foi muito comum a menção ao termo *assédio* e o ambiente mais mencionado foram as “festas”. Ou seja, a maior parte dos assédios se dá entre colegas, nas festas universitárias.
- Cerca de 13 mil respostas
- *Interações na USP: primeiros resultados*, Escritório USP Mulheres, coordenação de Gustavo Venturi, 25 de Junho de 2018. Acessível em :
<http://sites.usp.br/uspmulheres/interacoesnausp/>
(acesso em 4 de Julho de 2018).

Pesquisa Interações na USP

(slide 19, nuvem de palavras das respostas abertas)

(Q26) Tratamentos desrespeitosos que recebeu de professores/as



Pesquisa Interações na USP

(slide 27, nuvem de palavras das respostas abertas)



(Q37) ...ocorreu alguma situação (ou você vive situações) em que se sentiu ou se sente desrespeitada/o, humilhada/o, discriminada/o, intimidada/o? Ou você já sofreu algum outro tipo de violência na USP ou em atividade ligada à USP? (se sim) O que ocorre - ocorreu?

SIM: 39%



Foi só paquera? ou assédio?

- construção pública da categoria “assédio sexual” – disputa de sentidos: foi paquera ou ameaça?
- No contexto da universidade, vários relatos trazem essa sensação de que o professor achou que era uma paquera, e a aluna sentiu como uma ameaça. O mesmo se dá entre colegas, especialmente quando há qualquer tipo de hierarquia (geracional, por exemplo).
- Mas *assédio* é ainda um termo ainda polissêmico, fala de um espectro de situações que podem ser vividas como mais ou menos agressivas

“Bom dia, professora Heloisa. Sou aluna de [xxxxxx] e estou passando, desde o início de 2019, por uma situação que, recentemente, **com a ajuda de amigos**, percebi que **pode se caracterizar como assédio sexual** e moral. A pessoa que vem praticando isso comigo se encontra em uma **posição de hierarquia** em relação a mim na Universidade. A situação se tornou completamente insustentável na última semana. Gostaria de saber como posso conseguir **ajuda** da Rede Não Cala. (...) Gostaria de narrar a história, apresentar minhas **evidências** e perguntar qual o melhor modo de proceder. Estou realmente desesperada, não tenho família em São Paulo. Agradeço antecipadamente qualquer tipo de ajuda!”

(Messenger, aplicativo de mensagens ligado à plataforma Facebook)

Pontos comuns com outras narrativas:

- Hierarquia
- Dificuldade de entender o que acontece – precisa que os amigos confirmem e esclareçam
- Assédio sexual e moral
- Ameaça, constrangimento, pressão
- Pede ajuda, não sabe a quem recorrer

O assédio característico da universidade

- que constituiu o assédio na fala de alunas que me pediam ajuda foi a falta de reciprocidade no interesse sexual e a incapacidade do professor de compreender esse descompasso quando não foi um atitude aberta ou indireta de **ameaça**.
- Em algumas vezes, **convites** para jantar, para tomar um vinho, para debater uma ideia ou pesquisa na casa do professor poderiam soar como impasse: posso dizer que não vou? Ou quantas vezes terei que negar esse convite?

Nesse contexto, a aparente paquera pode ser vivida como uma violência, uma agressão, e particularmente uma ameaça, incluindo casos em que a ameaça (ou o “presente” em troca pelo sexo, como uma aprovação ou uma bolsa de estudos) é explicitada de modo aberto pelo docente.

Assédio sexual

- No plano das estruturas hierárquicas, não há como ter consentimento livre e autônomo aqui, dada a desigualdade de poder – e muitas que se sentem vítimas afirmam a impossibilidade de recusar; ou o mesmo a incapacidade do docente de ouvir efetivamente o *não* enunciado pela vítima.
- Nestas situações de uma aluna que acusa publicamente o professor de assédio, o resultado muitas vezes significa impossibilidade de permanecer no campo acadêmico.

Hierarquias e intersecções

- É preciso notar que além dessas relações estarem atravessadas por desigualdades de *gênero*, e talvez também *classe* ou *raça*, a estrutura da universidade produz uma hierarquia formal entre servidores, alunos, docentes, e internamente a estas categorias (alunos de graduação diante de alunos de pós ou monitores; docentes temporários precarizados, professores doutores concursados com menor poder e prerrogativas do que os titulares, por exemplo).

Nome e renome

- Além dessa hierarquia ser produzida institucionalmente (com maior ou menor agudeza, a depender da instituição ou da área), outra hierarquia atravessa o trabalho acadêmico: aquela das “estrelas” e dos “nomões”, ou seja, dos docentes e pesquisadores renomados em suas áreas, que dispõem com maior frequência de bolsas e financiamentos para pesquisas.
- Muitas vezes, como se passa com outros marcadores sociais da diferença, quem está no topo não percebe como a hierarquia está colocada cotidianamente e nos pequenos atos para aqueles que estão nas faixas de baixo da pirâmide.

"Assédio sexual" (Lei 10.224, 200

"Art. 216-A. Constranger alguém com intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função." (AC)

"Pena – detenção, de 1 (um) a 2 (dois) anos." (AC)

Importunação sexual

incluído na Lei n. 13.718, 2018

Art. 215-A. Praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro.

Pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o ato não constitui crime mais grave.

Fronteiras do consentimento

- Estruturas da universidade apresentam mais dificuldade em categorizar e reconhecer como violência sexual (no Brasil e no mundo) tanto os casos de estupros entre estudantes, como os casos de assédio sexual por docente.
- Estruturas de investigação avaliam *moralmente* as alunas (seja nas *festas* ou trotes em que ocorreram agressões sexuais entre colegas, seja na relação com docentes “paqueradores”)

Denúncias

- Nestas situações de uma aluna que acusa publicamente o professor de assédio, o resultado muitas vezes significa impossibilidade de permanecer no campo acadêmico.
- Temor de retaliações (Sarah Ahmed)
- Instituição se sente agredida quando há denúncias (ex. Medicinas e os trotes)

Categorias de violência:

- Diferentes sensibilidades jurídicas para classificar violência: entre alunas X instituição, sistema de apuração da universidade (como as sindicâncias e PADs), e ainda mais nas delegacias
- Idem para vítima X agressores (agressores não entendem que foi estupro, mas reafirmam que foi sexo consensual) – exemplo de casos de alunos e festas
- Consentimento como ponto central na discussão de direitos sexuais (Carrara)

Quando a denúncia vira demissão?

- Denúncias coletivas
- Provas muitas
- Apoio ou denúncia de docentes (e não apenas alunas)
- Longos processos (anos)

- ALMEIDA, Heloisa B.: “A visibilidade da categoria assédio sexual nas universidades” In: Zanello e Almeida: *Panorama da Violência sexual contra mulheres nas universidades*, Brasília, Ed. OAB, 2022
- *Interações na USP: primeiros resultados*, Escritório USP Mulheres, coordenação de Gustavo Venturi, 25 de Junho de 2018.
<http://sites.usp.br/uspmulheres/interacoesnausp/>